



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/o-povo-ticuna/>

O povo Ticuna e as suas relações com a água: o mito passado e as catástrofes do presente

Lucas Pereira de Aquino[1]

RESUMO: O povo Ticuna, etnia que habita principalmente a região Amazônica, possui uma relação profundamente enraizada com as águas dos rios, especialmente o rio Solimões, onde narram a trajetória de suas origens. Para esse povo, as águas não são apenas um recurso natural, são também um dos elementos simbólicos e essenciais da cosmovisão e da vida cotidiana. O presente texto visa contribuir com a discussão das relações entre a água e o povo Ticuna, que habita a comunidade São Francisco do Patauá, situado na margem esquerda do rio Manacapuru, área rural do município de Manacapuru, Estado do Amazonas. Como objeto de pesquisa trago o mito de origem dos Ticuna - mito que regula e que pode causar catástrofes, tais como o problema de escassez da água. Para alcançar as respostas para algumas questões foram feitas entrevistas com líderes de duas comunidades distintas, cujos resultados indicam que a sobrevivência de alguns grupos depende exclusivamente do acesso à água.

PALAVRAS-CHAVE: Água. Cosmovisão. Povo Ticuna. Povo Apurinã. Catástrofe. Escassez.

The Ticuna people and their relationship with water: the myth of the past and the catastrophes of the present

ABSTRACT: The Ticuna people, an ethnic group that mainly inhabits the Amazon region, have a deeply rooted relationship with river waters, especially the Solimões River, where they traditionally live. For these people, water is not just a natural resource, it is also a symbolic and essential element of their worldview and everyday life. This text aims to contribute to the discussion of the



relationship between water and the Ticuna people, who live the São Francisco do Patauá community, located on the left bank of the Manacapuru River, a rural area in the municipality of Manacapuru, State of Amazonas. As an object of research I bring the myth of origin of the Ticuna - a myth that regulates and can cause catastrophes, such as the problem of water scarcity. To obtain answers to some questions, interviews were conducted with community leaders from two different communities, the results of which indicate that the survival of some groups depends exclusively on access to water.

KEYWORDS: Water. Worldview. Ticuna People. Apurinã People. Catastrophe. Scarcity.

“Os rios, esses seres que sempre habitam os mundos em diferentes formas... Nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice da antropomorfia, experimentar outras formas de existir. Ser água e viver essa incrível potência que ela tem de tornar diferentes caminhos”.

(Krenak, 2022, p.14)

1. INTRODUÇÃO

Para os povos tradicionais ameríndios, as águas dos rios possuem forte ligação com a vida em grupo. São provindas das águas a fonte vital de recursos e sustento, assim como é um principal meio de deslocamento usado pelo homem nas florestas tropicais. É também nas águas dos rios e nos igarapés[1] que esses povos mantêm relações de reverência entre homens e os seres que habitam os espaços das matas e das águas, entidades mitológicas que desempenham papéis importantes nas tradições e no comportamento entre homem e natureza. A água é vista como ente sagrado que sustenta a vida que reflete na cosmovisão e ensina sobre a origem de tudo.



O presente artigo busca contribuir com o foco de discussão: as relações entre a água e o povo Ticuna que habitam a comunidade de São Francisco do Patauá, situado à margem esquerda do rio Manacapuru, área rural do município de Manacapuru, Estado do Amazonas.

Neste sentido, apresento, por meio de uma abordagem qualitativa, uma reflexão crítica e subjetiva com base nas informações apresentadas pelos informantes em uma análise contextual acerca dos problemas enfrentados pela escassez de água ocasionada pela forte estiagem nos anos de 2023 e 2024. Dentre os objetivos deste estudo, está traçar uma análise comparativa entre as relações socioculturais de 02 (duas) comunidades: São Francisco do Patauá, de origem Ticuna – zona rural - e São Francisco do Guiribé, de origem Apurinã – zona urbana. O referencial teórico tem como base os estudos antropológicos de Matarezio Filho (2019), em A festa da moça nova, e Facundes (2000), em The Language of the Apurinã people of Brazil (Maipure/Arawak), bem como Faulhaber (2002), em O ritual e seus duplos: fronteira, ritual e papel das máscaras na festa da moça nova ticuna.

IMAGEM 01 – MAPA DA LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DO PATAUÁ
COMUNIDADE INDÍGENA TICUNA



FONTE: www.google.com.br/maps. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/p8DcxYXAtHwCswHE8>. Acesso em 08 de jan. de 2025, às 9:32



As inquietações com o objeto da pesquisa levantam questões quanto ao uso das águas e suas relações nas comunidades: fluxo - cheia e seca; recursos retirados dos rios - pesca e abastecimento; e o elemento águas como narrativas míticas - presentes no simbólico de cada etnia. Os dados obtidos servirão apenas como análise reflexiva e de discussão dos problemas da falta de água em comunidades de povos originários na região do município de Manacapuru, Estado do Amazonas, nos anos de 2023/2024. As perguntas do questionário foram delimitadas na pesquisa buscando perfazer as relações históricas através das narrativas míticas e dos reflexos de catástrofes dos dias atuais em um comparativo relacionado à escassez de água nas comunidades pesquisadas.

Essas reflexões são fundamentais para compreendermos como comunidades tradicionais distintas se mantiveram relacionando-se profundamente com o elemento água. Serão descritas possíveis causas e consequências da falta de água e sua relação com os mitos que circundam o imaginário desses povos durante a forte estiagem dos anos de 2023 e 2024 - considerada catástrofe atual.

A partir de uma perspectiva visual, serão apresentados os mapas mentais das comunidades pesquisadas para este ensaio com intuito de fornecer uma imagem visual dos locais/comunidades dos informantes que são líderes de suas comunidades e nos apresentam um panorama vivido a partir da relação com as águas.

2. NARRATIVA MÍTICA TICUNA

O estudo sobre a relação das águas e o povo Ticuna abrange a compreensão dos significados dos fenômenos, dos mitos e das narrativas de conhecimentos praticados no ritual da puberdade da mulher Ticuna[3]. Como partes dessa compreensão, estão inseridos elementos representativos e classificatórios que influenciam diretamente as práticas sociais desse grupo. Para os Ticuna, a vida do seu povo depende dos ciclos da natureza, especialmente, do ciclo das águas dos rios que se subdividem[4] influenciando o ritual de puberdade da mulher ticuna e, conseqüentemente, a vida de cada membro do grupo. A quebra de um desses elos[5] pode acarretar no desequilíbrio social ou até a morte do grupo – são as catástrofes anunciadas nas narrativas míticas ticuna desde a criação do mundo.



Segundo Edson Matarezio (2019), um mito para os Ticuna não é uma verdade que fundamenta as ações do presente – ou uma mentira, como supõe nosso senso comum – é uma história contada pelos velhos, pelos antigos. Contudo, essas histórias têm grande influência sobre o mundo atual.

Para os povos Ticuna a água transcende seu valor de mercadoria, ela representa uma conexão profunda com as crenças espirituais e culturais dos membros do grupo, sendo papel essencial no sustento e na vida cotidiana dos grupos, essencial no sustento e na vida cotidiana dos grupos. As narrativas míticas ticuna ensinam sobre a origem do povo Magüta – de quem descende o povo Ticuna – relacionando a origem de criação das águas vermelhas do igarapé Ewaré[6] a qual foram pescados pelo herói cultural Yo'i. O termo Magüta significa “povo pescado com vara”.

A narrativa mítica do Povo Ticuna relata a origem dos animais, das pessoas, dos seus clãs e das etnias das nações pelo mundo – fruto da passagem da água, enquanto eram peixes, para a terra, ao se transformarem em gente. (du'ü) (Matarezio, 2019). Na descrição de Mararezio (2019, p.102):

Ipi ralou a si próprio enquanto estava ralando o jenipapo e se espremeu. Sua mulher o ajudou. Yoi jogou bagaço de jenipapo no rio Eware e o cercou para não escapar. O bagaço foi jogado na água e virou piabinha (tonõniacü), uma piracema (u'u) desse peixe. Quando os peixinhos começaram a subir, Yoi foi pescá-los. Primeiro foram pescadas as queixadas, com o caroço de tucumã. Ele também usou macaxeira descascada para pescar os alemães, por isso que eles são tão brancos. Usou milho para pescar os americanos. Os Ticuna (Magüta) foram pescados com macaxeira com casca. Por isso que eles têm a pele escura e por isso os alemães têm a pele branca. A onça foi pescada com carne crua. Ipi foi pescado sem isca. Yoi tentou pescá-lo, mas não conseguiu, só a mulher de Ipi conseguiu. Yoi falou: “está aqui o caniço para você pescar seu marido”. Quando ele baixou o caniço, IPI pulou e mordeu o anzol sem isca. Então Ipi tentou pescar, mas ele cacetava os peixes. O irmão dele o alertou, “não é assim, você está matando as pessoas”. Então Ipi parou de cacetar e pescou os peruanos com casca de macaxeira também (Matarezio, 2019, p.102).

A narrativa diferencia a origem das pessoas e dos animais que fazem parte da ecologia do povo Ticuna, sendo as águas dos rios o berço de nascimento de todos os seres vivos. Com isso cria-se o imaginário, um território sagrado, um espaço de movimento e transformações que influenciam de forma direta a vida e a cosmovisão do povo Ticuna e são fontes de sabedoria e conhecimentos desse povo a milhares de anos.



No presente artigo são levantadas as seguintes questões sobre a relação entre a água e os povos tradicionais Ticuna: 1. O que representa o elemento água para o seu povo/comunidade? 2. Existe um mito ou simbologia que se refere a água ainda presente na memória de sua comunidade? 3. Quais os principais problemas enfrentados pela sua comunidade na estiagem dos anos de 2023/2024? 4. Em algum momento algum membro da família ou do grupo saiu da comunidade devido à seca destes anos? 5. Como é feito o abastecimento de água na comunidade? 6. Qual o relacionamento dos membros de seu grupo com a pesca? E o que representam para você? 7. O que representa a chuva para seu grupo na comunidade?

As questões a seguir foram levantadas a partir de entrevista presencial com dois informantes, ambos líderes de comunidades indígenas, mas pertencentes a realidades diferentes em se tratando de etnia e localização das comunidades. Aqui, faremos referências aos informantes apenas como: **informante A** e **informante B** sua comunidade e seus nomes na língua materna de sua etnia.

Abaixo seguem as respostas do **Informante A** (Comunidade São Francisco do Patauá - zona rural). Nome na língua Ticuna (Makürakü) que significa “Pena de arara bonita”.

O que representa o elemento água para o seu povo/comunidade?

- A água das nascentes e igarapés para nós é símbolo de pureza e vida, por isso nós tem que respeitar, toda vez que nós entra no igarapé, entra numa pescaria, nós nos benzemos para pedir proteção e também para pedir permissão à “Mãe d’água” se não nós somos castigados, não tem fartura de peixe.

Existe um mito ou simbologia que se refere à água ainda presente na memória de sua comunidade?

- Nós temos as histórias que nossos antepassados contavam. Hoje muitos já morreram e muitas histórias se perderam. Fico pensando em como ensinar os mais novos. Lembro que meus pais tinham muitas histórias, a chuva, dos rios, como era proibido entrar na água, somente com permissão.

Quais os principais problemas enfrentados pela sua comunidade na estiagem dos anos de 2023/2024?



- Nossa comunidade ficou isolada. Os atendimentos de saúde teve que ir de avião atender. Faltou tudo: água, alimento, peixe. Tivemos que andar em média uma hora e meia para sair no rio grande. Muita lama e o sol quente. Foi muito sofrimento.

Como é feito o abastecimento de água na comunidade?

- Na comunidade temos um poço. Eu tinha muito medo que a bomba d'água queimasse, por isso nós ligava apenas 15 minutos. Esse poço tem 30 metros. Chegou um tempo que ele secou, aí nós tivemos que fazer cacimba para tirar água.

Em algum momento algum membro da família ou do grupo saiu da comunidade devido à seca destes anos?

- Não, todo mundo ficou lá. Tivemos apenas que mudar as aulas na escola. O professor só ia duas vezes na semana dar aula para as crianças.

Qual o relacionamento dos membros de seu grupo com a pesca? E o que representam para você?

- A pesca é de onde nós na comunidade tira o sustento. Sem peixe, sem comida. Pra mim a pesca é um dom divino e essencial para nossas famílias. Quando secou [o rio] fiquei pensando como ficaria o nosso povo sem peixe. Mas, graças a Deus, tem um poço lá no rio Grande que ficou com bastante peixe.

O que representa as chuvas para seu grupo na comunidade?

- A chuva é sagrada também. Passamos por um momento de um calor de 35, 40 graus. A terra secou e nós não tinha roça porque morreu [a plantação]. Você sabe que para fazer farinha precisa deixar a mandioca de molho. O pouquinho de roça que tiramos nos carregava para um igarapé distante para deixar de molho. Foi muito sacrificante.

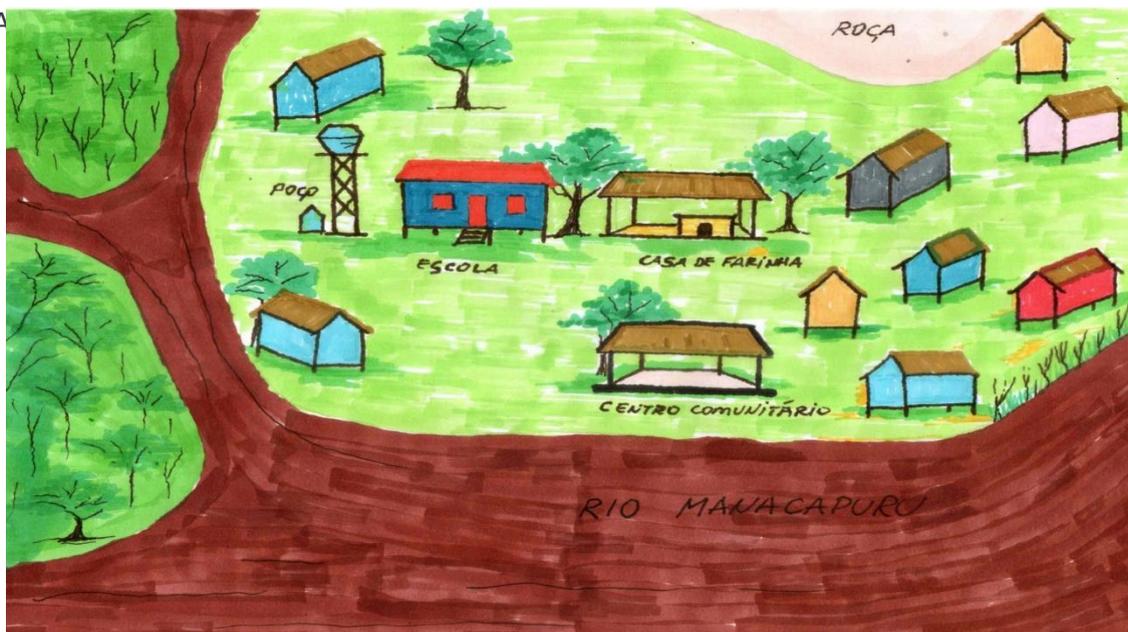
Vamos produzir um mapa mental da comunidade São Francisco do Patauá?

A partir de um esboço desenhado, foi produzida uma ilustração com a ajuda dos informantes mapeando suas respectivas comunidades. Este mapa mental teve como finalidade auxiliar no entendimento a respeito do lugar onde cada um dos informantes moram. Destacando o panorama



da organização em comunidade, a proximidade com a floresta e, principalmente, a relação com os rios e os igarapés. A seguir, o mapa mental da comunidade indígena São Francisco do Patauá, pertencente à etnia Ticuna:

IMAGEM 03 – MAPA MENTAL DA COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DO PATAUÁ COMUNIDADE TICUNA



FONTE: L. AQUINO; INFORMANTE A (2025)

Abordaremos também neste artigo a relação da comunidade São Francisco do Guiribé, da etnia Apurinã - comunidade localizada na zona urbana da cidade de Manacapuru/Am, com a água. Tais considerações fizeram-se necessárias como comparativo, uma vez que a comunidade São Francisco do Patauá localiza-se na zona rural, estando praticamente isolada, sendo o deslocamento e acesso das pessoas possível somente por meio do Rio Manacapuru. Somado a isso, a escassez extrema de água agrava as necessidades do grupo Ticuna.

Abaixo seguem as respostas do **Informante B** - Comunidade São Francisco do Guiribé (zona Urbana). Nome na língua Apurinã (Ynykynamary) que significa “Cobra Grande”.

O que representa o elemento água para o seu povo/comunidade?



- Nós, do povo Apurinã, acreditamos que a água é dada pela Mãe d'água. Então ela deve ser preservada. É dela que tiramos nosso alimento todos os dias. Nós pescamos, tomamos banho, bebemos quando dá sede. A água é sagrada para nosso povo.

Existe um mito ou simbologia que se refere à água ainda presente na memória de sua comunidade?

- Meu avô, que era o tuxaua[7] aqui uma vez me disse que a subida e descida das águas é controlado pelo Mekaro. É uma espécie de caramujo. Quando o Mekaro sobe no pau na beira d'água ele marca até onde a água vai subir. Então eu tenho o costume de sempre olhar os ovos do Mekaro para saber e informar meu povo sobre o fenômeno da subida das águas. Aí nós já se prepara para uma cheia grande, por exemplo.

Quais os principais problemas enfrentados pela sua comunidade na estiagem dos anos de 2023/2024?

- Passamos por muitos problemas. Nós temos um poço na comunidade. Mas, chegou um momento que a água já não estava boa, ficou com um gosto amargo. Muitas crianças adoeceram de diarreia. Aí nós tivemos que comprar garrafões de água lá na cidade para poder beber. Agora tinha algumas famílias que não tinha dinheiro. Aí eles tiveram que cavar cacimba pra tirar água e fazer comida.

Como é feito o abastecimento de água na comunidade?

- Como disse, nós temo poço na comunidade. É de onde nós abastecemos as nossa famílias.

Em algum momento algum membro da família saiu da comunidade devido à seca destes anos?

- Que eu saiba não. Como nossa comunidade é praticamente um bairro aqui da cidade, não tivemos que ir muito longe. Agora fiquei pensando nos nosso parentes de comunidade do rio. Eles passaram uma calamidade. Meu tio mora lá no Jatuarana ele disse que foi cruel. Não tinha como vir pra cá pra cidade. Secou tudo. Ficou ruim de pescar e de fazer farinha. Eles foram socorridos de avião que levou rancho pra lá.

Qual o relacionamento dos membros de seu grupo com a pesca? E o que representa para você?

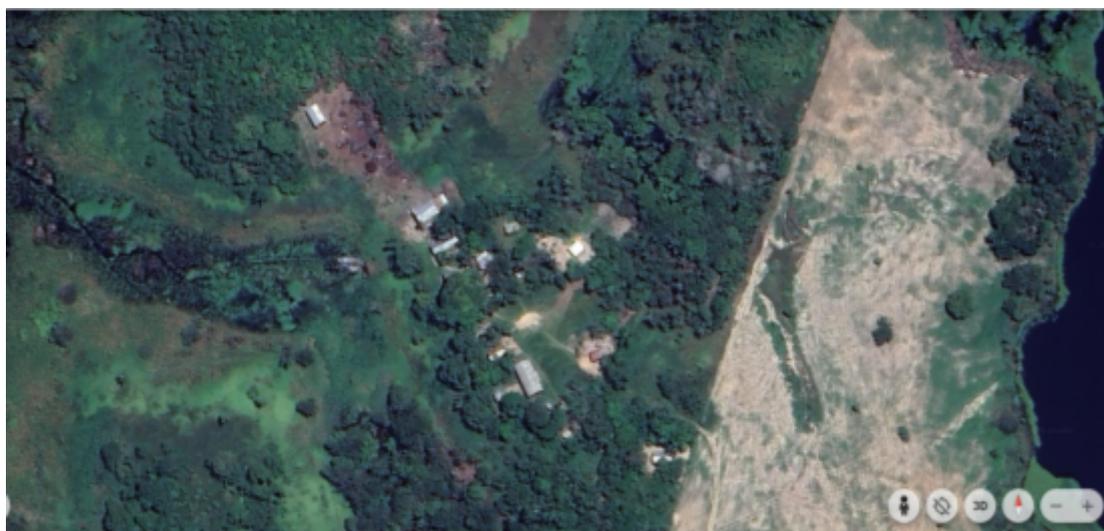


- A pesca é nosso sustento. É de onde tiramos o peixe para nos alimentar. Meu avô dizia que devemos respeitar a natureza. Quando nós vai pescar, nós temos que pedir permissão daqueles que guardam os rios. Nós acreditamos que o buritizeiro nos protege. Por isso pedimos permissão a ele quando alguém vai pescar. O buritizeiro é sagrado. As mulheres não podem pegar na palha do buriti quando fazemos o ritual. Se elas pegarem elas adoecem e podem trazer feitiços para a comunidade. Então, quando a gente termina o ritual, a gente joga o olho do buriti usado bem longe no rio.

O que representa as chuvas para seu grupo na comunidade?

- A chuva molha a terra e a terra agrada nos dando as plantas. Tudo é nosso criador Surá que provê. Por exemplo: nossos roçados não prestou esse anos que passou. Nós não fizemos uma boa farinha. A mandioca como que cozinhou no pé da maniva[8]. A gente arrancava a maniva e ela tava mole. Sem chuva, aqueceu a terra. Então, eu acredito que a chuva também é sagrada. Ela nos dá, mas também ela castiga. Meu avô me ensinou que não devemos brincar com caroço de tucumã. As nuvens não gostam e mandam raios e temporal forte. Isso já aconteceu na comunidade. A casa da minha tia foi atingida por um raio. Depois ela contou que brigou com os meninos pra não jogar caroço de tucumã. Eles estavam jogando à noite.

IMAGEM 02 – MAPA DA LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DO GUIRIBÉ -
COMUNIDADE INDIGENA APURINÃ



FONTE: www.earth.google.com/web. Disponível em: earth.google.com/web/@-3.29977445,-60.60845283,27.06201971. Acesso em 09 de janeiro de 2025 às 15:1

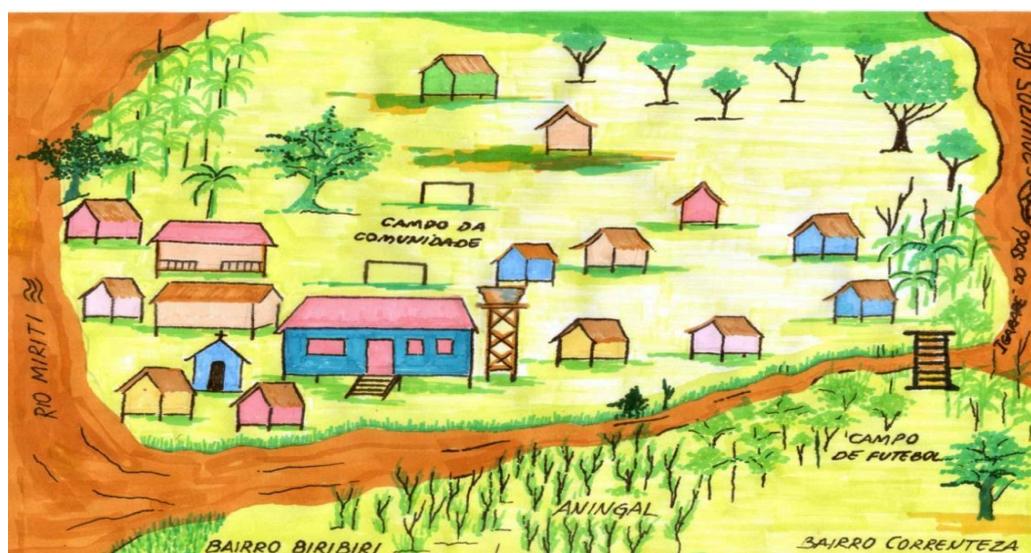


IMAGEM 03 - MAPA MENTAL DA COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DO GUIRIBÉ COMUNIDADE INDIGENA APURINÃ

FONTE: L. AQUINO; INFORMANTE B (2025)



A água é um elemento dos rios, os rios como seres possuem vida, se a água seca o rio morre. Sob a ótica da vida os povos tradicionais essa relação primordial com as águas cria seu imaginário. E por meio da natureza, definem suas crenças.

Ao nos debruçarmos em águas profundas, para compreender as relações desses seres vivos e os povos tradicionais Ticuna, identificamos vários elementos que são símbolos de reverência e respeito com a natureza presente nos mitos que regulam a vida social e equilibram o meio ambiente e vida das pessoas. A não obediência acarreta na punição de toda a sociedade Ticuna. “Acredito que fizemos algo errado para estarmos sofrendo com essa seca tão grande e que gerou a fúria da natureza – pensei isso no ano passado quando estava na comunidade” (informante A, 2025).

Na Festa da Moça Nova, há uma postura do grupo que se manifesta em face às transformações climáticas.

Quando a moça sai do recinto de reclusão, entram em cena os mascarados, que encenam os perigos da floresta que ameaçam a vida societária Ticuna, como a chegada de intempéries. Existe uma ordem de entrada dos mascarados: os primeiros ventos (Toü) anunciam a chegada das chuvas (Mawü), do vendaval (O’ma) e, por fim, da tempestade (Yurü), a última máscara que aparece acompanhado da roda, a qual significa que ao término do ritual os Ticuna estão protegidos. A festa como um todo consiste em um rito de fertilidade que se apresenta como um rito agrícola e pesqueiro, uma vez que os Ticuna afirmam que sua realização acarreta sucesso na roça, na pesca e na agricultura. (Faulhaber, 1999, p.391)

Tomando como análise as mudanças climáticas em todo o planeta, assim como um cenário de incertezas em que estão mergulhadas as civilizações contemporâneas, volto nosso olhar para nossa realidade amazônica. Vivemos em uma região que hoje é considerada o centro das discussões ambientais em todo o planeta, por se tratar de uma realidade em que se situa a maior Bacia Hidrográfica do mundo. Sob um olhar mais atento, nos deparamos com uma extensa lista de problemas ambientais ao redor do mundo que sufocam a biosfera e, conseqüentemente, a vida humana de maneira alarmante – segundo vários estudos – sendo irreversível o seu processo. “Os



rios, esses seres que sempre habitam os mundos em diferentes formas, são que me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui.” (Krenak 2022, p. 11).

Ao analisar as concepções contemporâneas voltados ao positivismo, percebemos uma compreensão linear voltada ao pensamento de preservação da natureza, ao qual tenta apenas disciplinar as formas de manejo e preservação do meio ambiente. Nessa lógica, acredita-se que a natureza, incluindo a água, faz parte de um ciclo que se autorregulam sem a interferência de outros elementos, de outros ecossistemas. Negando sabedorias ancestrais como a dos povos indígenas e quilombolas, não acreditam que os fenômenos climáticos estejam interconectados a uma teia de vida em todo planeta.

Com base nos estudos apresentados e como contribuição para as reflexões e discussões aqui expostas é de fundamental importância propor a necessidade de se aplicar o conceito de uma “ecologia profunda”, defendida na década de 1970, pelo filósofo norueguês Arne Naess, que reconhece o valor de todos os seres vivos de modo intrínseco. Segundo Capra (2000, p.17), comparando a ecologia rasa e profunda temos as seguintes definições:

A ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de “uso” a natureza. A ecologia profunda não separa seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural. Vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe aos seres humanos apenas um fio particular na teia da vida.

Para os Ticuna os fatores climáticos são influenciados por seres que vivem em lugares míticos que interferem sobre os seres da terra, entre os quais se situam os humanos. Esses seres controlam os fenômenos naturais e são considerados os “donos” de cada fenômeno, ou seja, o “dono do vento”, o “dono da chuva” e o “dono da mata”. As prescrições rituais dizem respeito a evitar comportamentos considerados perigosos, que acarretam reações desses seres provocando assim catástrofes que podem destruir o mundo (Faulhaber 2002, p. 386).



Dentro dessa perspectiva global, voltamos para os nossos atores que fazem parte das comunidades tradicionais citadas neste estudo. São os povos da floresta que sofrem diariamente as diferentes mudanças produzidas pela natureza, sem uma compreensão exata ou uma resposta estabilizadora e equilibrada em relação a essas mudanças contínuas no clima. Como no caso da escassez de água nos anos de 2023 e 2024, devido à forte estiagem que assolou toda a região amazônica.

Portando, este estudo contribui para reflexões para pensarmos sobre as catástrofes do tempo presente e do futuro acerca dos problemas relacionados à escassez de água, tendo como foco duas comunidades da região amazônica.

Esses povos da floresta, invisíveis aos olhos do homem urbano são capazes de nos ensinar como o equilíbrio com o meio ambiente pode ser uma das soluções para os problemas ambientais. O reconhecimento de que são necessárias mudanças drásticas na forma de ver e sentir o meio ambiente parte de uma percepção que ainda não atingiu as grandes civilizações. Eis o desafio do nosso tempo: produzir pensamentos voltados à sustentabilidade e diversidade, em que grupos possam conviver de maneira consciente com o meio ambiente satisfazendo suas necessidades sem impedir a sobrevivência das gerações futuras.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

Bibliografia:

CAPRA, F. A teia da vida: uma compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: editora Cultrix, 1996.



CERRATINGA (ed.). Buriti. Disponível em: <https://www.cerratinga.org.br/especies/buriti/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

COSTA, Joannes Régis da et al. Tucumã. 1999. Disponível em: www.cifor-icraf.org/publications/pdf. Acesso em: 22 jan. 2022.

EMBRAPA (Brasília/Df) (ed.). Formas de garantir água na seca. 2006. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/158490>. Acesso em: 11 jan. 2025.

FACUNDES, S. **The Language of the Apurinã people of Brazil (Maipure/Arawak)**. Buffalo, 2000, 674 f. Tese (PhD em Linguística) – Faculty of the Graduate School, State University of New York, Buffalo, 2000.

FAULHABER, Priscila. AS ESTRELAS ERAM TERRENAS: ANTROPOLOGIA DO CLIMA, DA ICONOGRAFIA E DAS CONSTELAÇÕES TICUNA. São Paulo/Brasil: **Revista de Antropologia**, v. 47, n. 2, Mensal. P. 379-426. 2004

FAULHABER, Priscila. O ritual e seus duplos: fronteira, ritual e papel das máscaras na festa da moça nova ticuna. In: **Boletín de Antropología de la Universidad de Antioquia**, vol. 21, n. 38, p. 86-103. 2007.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: 1ª edição. Companhia das Letras, 2022. 128 p.

MATAREZIO FILHO, Edson Tosta. **A Festa da Moça Nova**: ritual de iniciação feminina dos índios Ticuna. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Torü duü'ügu = nosso povo/ [narração oral de João Larentino Souza [Naitanücü] e Enesto Manoel Santiago [Tchüüreücü]; transcrição e tradução de Lucinda Manoel Santiago [Canagüna], Miguel Avelino Firmino [Pegucü], Quintino Emílio Marques [bewenecü] e Reinaldo Otaviano do Carmo [Mapewecü]; ilustrações pelos habitantes das aldeias Ticuna, Alto Solimões, Am]. – Rio de Janeiro: Memórias Futuras Edições: Museu nacional da UFRJ; Brasília: Secretária da Cultura do MEC: Secretaria de Ensino de primeiro e Segundo Graus-SOES: Fundo Nacional de Desenvolvimento de Educação – FNDE, 1985.



[1] Lucas Pereira de Aquino possui Mestrado em Letras em Estudos Linguístico pela Universidade Federal do Amazonas. Doutorando em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPAV da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

[2] Igarapés são corpos de água, de primeira ou terceira ordem, constituídos por um braço longo de rio ou canal. Igarapé é um nome popular utilizado na Amazônia para descrever um curso de água relativamente estreito e pouco profundo. Na tradução tupi, igarapé significa “caminho de canoa”.

[3] Ticuna - Os **ticunas (Tikuna, Tukuna ou Magüta)** são um povo ameríndio que habita atualmente a fronteira entre o Peru e o Brasil e o Trapézio amazônico na Colômbia. Formam uma sociedade de mais de 50.000 indivíduos, divididos entre Brasil (36 mil), Colômbia (oito mil) e Peru (sete mil), sendo o mais numeroso povo indígena da Amazônia brasileira. A língua ticuna é geralmente classificada como uma língua isolada, entretanto pode estar relacionada à língua Yuri, já extinta.

[4] A subdivisão descrita refere-se ao ciclo da água na que contribui na formação do clima. A região Amazônica é conhecida por ter apenas duas estações – o período de cheia e de seca dos rios, cada um com duração de seis meses.

[5] Para os ticuna os fatores climáticos são influenciados por seres que vivem em lugares míticos, que interferem sobre todos os seres da Terra, entre os quais se situam os humanos. Esses seres que controlam os fenômenos naturais são considerados os “donos” de cada fenômeno, ou seja, o “dono do vento”, o “dono da chuva” e o “dono da mata”. As prescrições rituais dizem respeito a evitar comportamentos considerados perigosos, que acarretam reações desses seres provocando assim as catástrofes que podem destruir o mundo (Faulhaber, 1999).

[6] Localizado na região entre a cidade de Tabatinga e São Paulo de Olivença, na trílice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru.

[7] Do tupi, o termo tuxaua significa “aquele que manda”. Também é conhecido na língua portuguesa como cacique. Para os povos indígenas, o tuxaua é quem representa a aldeia e a etnia em contatos com outros povos, além de ser o responsável por negociações com não indígenas.

[8] Do Tupi Maniyua. Nome científico (*Manihot esculenta crantz*) a maniva é a rama da mandioca ou parte da rama destinado ao plantio.